

REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS NEGRAS NO ENSINO SUPERIOR: imagens de controle, teoria do ponto de vista e poder epistêmico

RÍVIA DE JESUS SANTOS¹
PUC/RJ

Resumo

O presente texto trata de um recorte de pesquisa de doutorado do Programa de Ciências Sociais da PUC/RJ, tendo como proposta a investigação de experiências de professoras negras que atuam na docência do ensino superior. A pesquisa encontra-se em andamento e apresentamos aqui uma discussão sobre as experiências de professoras negras do ensino superior, tomando como metodologia a análise de vídeos do *Youtube* de narrativas de professoras que relatam suas experiências como docentes de universidades, foi a partir dessa observação que surgiu o projeto de pesquisa doutoral. A pesquisa tem como objetivo analisar as experiências de professoras negras do ensino superior e correlacionar essas experiências a partir dos relatos coletados em vídeos da internet com as categorias da interseccionalidade, imagens de controle, teoria do ponto de vista e poder epistêmico. Esperamos contribuir para a problematização e discussão sobre a temática de professoras negras no ensino superior.

Palavras-chave: Ensino Superior. Experiências de Trabalho. Professoras Negras.

Abstract

This text is an excerpt from doctoral research from the Social Sciences Program at PUC/RJ, with the proposal to investigate the experiences of black female professors who work in higher education teaching. The research is ongoing and we present here a discussion about the experiences of black female professors in higher education, taking as a methodology the analysis of YouTube videos of narratives by female professors who report their experiences as professors at universities, it was based on this observation that the doctoral research project emerged. The research aims to analyze the experiences of black female teachers in higher education and correlate these experiences based on reports collected in internet videos with the categories of intersectionality, images of control, point of view theory and epistemic power. The research is ongoing and we hope to contribute to the problematization and discussion on the issue of black female teachers in higher education.

1611

Keywords: University education. Work Experiences. Black Professor.

Introdução

O artigo aqui apresentado faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento que visa analisar as experiências no campo do trabalho docente de professoras negras que atuam universidades públicas no Brasil. Neste texto buscamos problematizar, a partir de pesquisas já realizadas sobre a temática e de relatos disponíveis na internet, (a partir de palestras ministradas

pelas professoras, que citaremos posteriormente) as experiências no campo do trabalho docente que permeiam a vida de professoras negras.

A pesquisa tem como objetivo analisar as experiências de professoras negras do ensino superior e correlacionar essas experiências a partir dos relatos coletados em vídeos da internet com as categorias da interseccionalidade, imagens de controle, teoria do ponto de vista e poder epistêmico. Categorias estas desenvolvidas a partir da perspectiva da autora Patrícia Hill Collins. A metodologia utilizada para a coleta de dados, foi a partir de análise de vídeos disponíveis na plataforma *Youtube*, onde foram observadas as narrativas das professoras a partir de suas experiências como mulheres negras e professoras de nível superior.

A pesquisa se faz relevante porque racismo e sexismo atravessam as vivências de mulheres negras e das instituições. Os espaços institucionais propagam opressões que afetam a vida e o trabalho das mulheres negras e o ambiente acadêmico não é isento de tais violências.

Como referencial interpretativo escolhemos a interseccionalidade, por entender que esta, se constitui entre a investigação crítica e a prática crítica, para entender a complexidade das relações sociais e as múltiplas dimensões de opressão. A interseccionalidade atua nas encruzilhadas das estruturas sociais, visando compreender as nuances dos grupos sociais, permitindo pensar os contextos.

A presença das professoras negras na academia deve ser analisada partindo de suas experiências no cotidiano do seu trabalho e de como o racismo institucional perpassa suas vivências em um espaço que historicamente foi ocupado por homens brancos. Para pensarmos as experiências das professoras negras utilizamos a ferramenta analítica da interseccionalidade, entendendo que ela não se encerra em raça, classe e gênero, englobando muitos outros demarcadores sociais, tais como: faixa etária, geração, território, nacionalidade, região, religião, dentre outros. Para isso, é necessário evitar a sobreposição de categorias de identificação, a interseccionalidade nos permite acessar as múltiplas dimensões de opressão, pois o posicionamento social no qual o sujeito se encontra, nos levará a outras interpretações. A interseccionalidade é uma categoria amplamente utilizada no movimento feminista demarcando pautas de lutas, para Marcia Tiburi:

[...] o feminismo interseccional, que reúne em si os marcadores de opressão da raça, do gênero e da sexualidade e da classe social, é evidente uma luta contra sofrimentos acumulados. Da dor de ser quem se é, de carregar fardos objetivos e subjetivos. A interseccionalidade das lutas nos leva a pensar que toda luta é luta “junto com” o outro, o companheiro, contra um estado de coisa injusto (Tiburi, 2018, p. 55).

O conceito de interseccionalidade foi desenvolvido por Kimberlé Crenshaw², em 1989, para descrever as diferentes formas de opressão que intersectam as experiências de mulheres negras. O conceito nasce no seio dos movimentos de mulheres negras estadunidenses no final da década de 1980, início da década de 1990. Vale salientar que mesmo antes do termo interseccionalidade ser cunhado pela autora norte-americana, aqui no Brasil já tínhamos autoras abordando sobre classe, raça e gênero, trazendo discussões extremamente importantes sobre a categoria mulher negra. Podemos encontrar nas obras de Beatriz Nascimento³ e Lélia Gonzalez⁴, o tema da mulher negra, as opressões a que as mulheres negras estão submetidas, a intersecção entre raça, classe e gênero, mesmo quando o termo interseccionalidade ainda não estava presente. Essas autoras são importantes para pensarmos a categoria da interseccionalidade e entendermos as opressões que as mulheres negras brasileiras sofreram e sofrem com as violências deixadas pela escravocracia e o racismo.

A interseccionalidade pode ser utilizada tanto como ferramenta política que orienta as ações dos indivíduos como ferramenta de pesquisa para subsidiar os estudos no âmbito acadêmico.

O uso da ferramenta analítica da interseccionalidade nos auxilia para entendermos os diversos posicionamentos sociais e demarcadores de opressão que estão presentes na vida dos sujeitos. Ao pensarmos a categoria mulher negra ou professoras negras universitárias, compreendemos que apesar de termos demarcadores de opressão que são comuns a todas elas, suas experiências, área de trabalho, localidade, região, classe e gênero, produzem vivências que são específicas.

Para Collins (2021), a interseccionalidade forma seis ideias que são centrais, são elas: a *desigualdade social*, que dificilmente é causada por um único fator; *relações de poder interseccional*, com análise práticas interseccionais; *contexto social*, pensar que cada situação possui um contexto específico; *relacionalidade*, não existe oposição e nem adição entre categorias, mas interconexões; *complexidade*, complexidade da análise interseccional crítica, o

² CRENSHAW, Kimberlé. *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. *University of Chicago Legal Forum*, n. 1, p. 139-167. Disponível em: <

<https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>> Acesso em: 12/02/2023.

³ Podemos encontrar esse debate no livro: *Uma história feita por mãos negras*, obra organizada por Alex Rats, publicada em 2021, o livro reúne vários artigos de Beatriz Nascimento.

⁴ Podemos encontrar esse debate nos livros: *Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras*, publicado em 2018, Coletânea organizada e editada pela União dos Coletivos Pan-Africanistas – UCPA; e no livro: *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*, organizado por Flávia Rios e Márcia Lima, publicado em 2020.

uso da interseccionalidade como ferramenta analítica é complexo, pois ela visa entender a complexidade do mundo e por fim, a *justiça social*, o uso da ferramenta analítica da interseccionalidade está atrelado ao compromisso com a justiça social, o que faz com que determinado projeto seja interseccional, é o seu compromisso com a justiça social.

A interseccionalidade não é uma ferramenta pronta, mas está em constante construção, conforme destaca Collins (2021). Sua investigação envolve a práxis e investigação crítica, de modo que não há uma separação entre ativismo e produção intelectual, entre o pensar intelectualmente e o fazer nas práticas sociais. Quando fazemos uma investigação científica estamos permeados por nossas vivências, experiências e aprendizados.

Collins (2022), define a interseccionalidade como projeto de conhecimento resistente, pois se alinha à teoria social crítica, “se baseia em projetos feministas, antirracistas, de descolonização e projetos políticos semelhantes, nos quais a resistência teórica está ligada à práxis” (Collins, 2022, p. 128). Bueno (2020) destaca que para Collins, a interseccionalidade não é somente um cruzamento identitário, mas a interseccionalidade é uma perspectiva epistemológica.

A seguir discutiremos sobre a categoria de imagens de controle em diálogo com algumas experiências de professoras negras, posteriormente abordaremos sobre a teoria do ponto de vista, entendo que o lugar que os grupos ocupam produz relações de poder hierárquicas e desafios comuns a quem faz parte de determinado grupo, porém os sujeitos têm posicionamentos e vivências diversas a respeito de uma dada experiência, dialogaremos sobre como o poder epistêmico atua nas estruturas promovendo hierarquia de poder dentro da construção do conhecimento e por fim, teceremos as considerações finais.

Imaginário social sobre mulheres negras: *imagens de controle*

As violências raciais permeiam as vivências de pessoas racializadas, as instituições não estão isentas de reproduzi-las. O processo violento da escravocracia produziu diversas violências sobre os corpos de pessoas negras, as mulheres negras tiveram que lidar tanto com a violência racial quanto com a violência de gênero que perpassa seus corpos. Tais violências não findaram com a dita abolição da escravatura, ainda permeia no imaginário social ideias racistas e sexistas quando se aciona a figura de uma mulher negra. Formular reflexões sobre as vivências de mulheres negras nos faz refletir criticamente sobre a estrutura social, compreendendo as

desigualdades que permeiam suas vidas e contribuem para o combate das variadas formas de opressão.

A seguir traremos algumas vivências de professoras negras no âmbito da universidade para refletirmos como as imagens de controle atuam sobre seus corpos, independente do espaço que elas ocupam, esses relatos são importantes, pois “contar a trajetória de uma mulher negra é a forma de suprimir os processos de coisificação e desumanização que fazem parte do complexo de opressões vivenciados por essas mulheres” (Bueno, 2020, p. 41 e 42).

Um estudo realizado com professoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e Rio de Janeiro, Silva e Euclides (2018) pontua a persistência do racismo e sexismo que atravessam o trabalho acadêmico de mulheres negras. Uma entrevistada informa que alguns grupos acham que ela está ali para servir, outra entrevistada relata que a discriminação racial está presente nos momentos e locais improváveis. Essas professoras convivem cotidianamente com a violência do racismo e do sexismo, é como se houvesse uma estrutura orquestrada dizendo que aquele espaço não é para elas. Dessa forma, é necessário pensar e problematizar as estruturas que formam o espaço acadêmico científico, alertando para os problemas e dilemas que persistem, como o racismo e o sexismo (Silva; Euclides, 2018).

O relato anterior demonstra como as imagens de controle atuam sobre os corpos de mulheres negras e remontam ao período escravocrata, pois ao ler o corpo de uma mulher negra, a interpretação que se faz, é que o único papel que ela pode ocupar é o do espaço de servir. É como se a intelectualidade fosse destituída de corpos racializados, é como se no espaço acadêmico ela não pudesse estar ali produzindo conhecimento, exercendo o ofício docente. É necessário romper com essas imagens de controle sobre os corpos negros, pois elas manifestam mais uma faceta do racismo e sexismo que reverbera nos sistemas de poder para manter pessoas negras no não lugar.

Ao ser perguntado à professora Cecília Conceição Moreira Soares, docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ Salvador, a partir das experiências ecoadas no campo acadêmico, quais os desafios e caminhos para a superação vivida por ela, ela responde:

São vários os aspectos que me incomodam, mas de acordo com a minha história, o que incomoda na academia é justamente a desconfiança dos brancos, eles desconfiam sempre [...], em relação a minha capacidade intelectual de produzir e trabalhar cientificamente, isto é o que vem me incomodando. Infelizmente, infelizmente⁵.

⁵ Este relato foi extraído da *Live* Rosas negras narram: Redes epistêmicas Candaces e re(existências) diaspóricas, realizada no dia 25/09/20, no canal do *YouTube*: Grupo de Estudos e Pesquisa Candaces Uneb Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mespvcvp6bI&t=4s>

Entender como essas *imagens de controle* atuam e reverberam no espaço da universidade, nos faz refletir sobre a carga mental que está inserida no cotidiano de trabalho de professoras negras, relatos como o citado anteriormente, acompanham suas vivências como intelectuais no espaço acadêmico. Professoras negras têm que lutar contra essas imagens de controle a todo momento, em todos os espaços, pois o que chega primeiro não é o seu intelecto, mas a forma como a sociedade lê seus corpos e como está internalizado na sociedade o corpo de uma mulher negra, ou seja, o espaço de representação do servir.

Para Hooks (1995, p. 5): “as intelectuais negras trabalhando em faculdades e universidades enfrentam um mundo que os de fora poderiam imaginar que acolheria nossa presença, mas que na maioria das vezes encara nossa intelectualidade como suspeita”.

Em 2017 foi realizado no Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia – UFBA durante o Congresso de Pesquisa Ensino e Extensão, a mesa - Mulheres Negras na Ciência: Guarde sua vassoura que eu sou uma doutora⁶, mesa organizada pelas professoras Katemari Rosa (Instituto de Física), Bárbara Carine Soares Pinheiro (Instituto de Química) e Simone de Moraes (Instituto de Matemática). As professoras discutiram sobre o espaço ocupado por mulheres negras na universidade, produção acadêmica e a luta contra o racismo. Ações como essa, contribuem para repensarmos as relações de poder alicerçadas em práticas racistas, sexistas e classistas que permeiam as instituições acadêmicas. As professoras têm ministrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA a disciplina - Descolonização de saberes: contribuições das ciências africanas e afrodiaspórica, priorizando de acordo com ementa da disciplina, as produções não eurocentradas e aprofundando na ciência do povo africano e afrodiaspórico.

As instituições estão alicerçadas em práticas racistas e sexistas, ver uma mulher negra no ambiente acadêmico produzindo conhecimento, ocupando o mesmo espaço que historicamente foi ocupado por pessoas brancas, pode causar um certo desconforto. Entender o funcionamento das opressões interseccionais é extremamente importante para problematizar a questão, abrir o espaço para o diálogo e questionar a estrutura vigente. A mesa de discussão organizada pelas professoras, é uma forma de denúncia e é um convite que chama toda universidade a refletir sobre suas práticas. Para as professoras negras, não basta ocupar um espaço profissional, elas têm que lutar contra as diversas formas de opressão que atravessam

⁶ Disponível em:

https://ppgefhc.ufba.br/sites/ppgefhc.ufba.br/files/edital_selecao_de_aluno_especial_2020.1.pdf Acesso em: 27/03/21.

suas experiências de trabalho. “Num contexto social capitalista de supremacia branca, como esta cultura, nenhuma negra pode ser uma intelectual sem descolonizar a mente” (Hooks, 1995, p. 11).

As experiências citadas anteriormente demonstram como nos espaços institucionais as práticas racistas e sexistas atravessam as experiências de trabalho das professoras negras, sendo que a autodefinição no ambiente acadêmico acaba sendo uma luta constante.

Para Collins (2019) faz parte da estrutura dominante objetificar o grupo subordinado e desde a escravidão, a ideologia dominante estimulou a criação de várias imagens de controle sobre a condição da mulher negra, sendo que essas imagens de controle são reatualizadas de acordo com o período histórico. As imagens de controle, trazem uma ideia estereotipada que violentam mulheres negras. O termo imagens de controle desenvolvido por Collins (2019), são as imagens depreciativas e negativas que são imputadas às mulheres negras. Neste sentido, somos categorizadas por uma série de estereótipos que nos desumanizam. Basta observarmos as categorias de “mãe preta”, “mulata”, “pretas raivas”, “pretas metidas”, dentre outras que nos remetem a um não lugar ou ao lugar que a branquitude nos reserva.

Essas imagens de controle estão presentes no imaginário da sociedade brasileira. De acordo com Moreira:

Existe um símbolo de mulher negra que é acionado nas mentes dos membros da sociedade brasileira todas as vezes que mencionamos essa categoria. A classificação mulher negra não ocupa um lugar positivo no imaginário brasileiro. (Moreira, 2018, p. 31 e 32).

Diante de tantas denominações e imagens negativas que circulam no imaginário brasileiro quando se aciona a categoria mulher negra, consideramos importante perceber as *imagens de controle* por dentro das instituições acadêmicas e também o fortalecimento de vozes de professoras negras universitárias, assim como o poder da autodefinição destas. Para Collins (2019) desafiar as imagens de controle é um dos principais temas do pensamento feminista. As mulheres negras, não aceitam essas imagens de controle com passividade, mas estão tensionando as estruturas, reivindicando suas vozes, produzindo conhecimento e apontando para uma outra proposta de sociedade, seja nas nossas bases comunitárias, na política, na educação, nos terreiros, na academia ou na produção do conhecimento científico, que por diversas vezes o conhecimento universal tenta invalidar suas produções. Assim, a autodefinição desafia a validação do conhecimento que formulou imagens de controle estereotipadas, sobre as mulheres negras (Collins, 2016).

A categoria imagens de controle está intrinsecamente interligada a uma outra categoria desenvolvida por Collins (2019), que é a matriz de dominação. Segundo a autora, o termo matriz de dominação diz respeito às relações hierárquicas de poder e expressa as múltiplas opressões interseccionais que vão ser organizadas em diversas realidades locais.

O conceito de matriz de dominação corresponde aos paradigmas interseccionais que elaboram diferentes tipos de dominação a depender da raça, classe social, gênero, sexualidade, nacionalidade, idade, dentre outros, “o termo matriz de dominação expressa a universalidade das opressões interseccionais, organizadas em diversas realidades locais” (Collins, 2019, p. 369). Esse conceito permite pensar as experiências de professoras negras universitárias, para compreender seus pontos de vista e as dominações que cada uma enfrenta nas estruturas de poder institucionalizadas.

As experiências de mulheres negras professoras universitárias, demonstram o quanto é violento lidar com o racismo e sexismo, o quanto é violento existir nos espaços de trabalho e o quanto as imagens de controle criam obstáculos no seu exercício profissional, pois além de se ocupar das atividades laborais, essas professoras precisam criar mecanismos para enfrentar o racismo e o sexismo. O pensamento feminista negro, através da construção teórica de Collins (2019), nos auxilia na produção crítica das vivências de mulheres negras.

1618

Ao propormos uma investigação sobre as experiências de professoras negras universitárias, pretendemos contrapor às imagens de controle construídas sobre os corpos de mulheres negras e contribuir para questionar essas imagens depreciativas, substituindo por imagens de mulheres negras autênticas, intelectuais e produtoras de conhecimento.

Mulheres negras diversas: teoria do ponto de vista

O conhecimento produzido pelo pensamento feminista negro diz respeito a um ponto de vista construído *de e para* mulheres negras. Para Collins (2016), “um papel para mulheres negras intelectuais é o de produção de fatos e teorias sobre a experiência de mulheres negras e que vão elucidar o ponto de vista de mulheres negras para mulheres negras”.

A categoria da teoria do ponto de vista (*standpoint theory*), é desenvolvida por Collins. Podemos encontrar a discussão da referida categoria em Collins (2016; 2019; 2022) e em Bueno (2020). Sobre o conceito de tal categoria, Collins (2019, p. 462) argumenta:

Teoria social para a qual o lugar dos grupos nas relações hierárquicas de poder produz desafios comuns para os indivíduos que fazem parte deles. Além disso, essa teoria

pressupõe que experiências compartilhadas podem estimular ângulos de visão semelhantes, gerando no grupo um conhecimento ou ponto de vista próprio considerado fundamental para moldar uma ação política.

A teoria do ponto de vista permite compreender que as experiências dos sujeitos, proporcionam perspectivas diferenciadas sobre categorias de opressão como o racismo, sexismo, heteropatriarcado, relações classistas, etc. A diversidade de ângulos ao pensar a mesma opressão, pode oferecer caminhos para fazer teoria social. Collins (2022), destaca que as teorias do ponto de vista podem democratizar o processo de produzir teoria social.

É necessário compreender que apesar de mulheres negras enfrentarem desafios parecidos, não quer dizer que todas mulheres negras têm as mesmas respostas para as mesmas experiências, entendendo que não existe uma visão hegemônica de mulher negra. Os demarcadores sociais, as experiências, produzirão mecanismos distintos para lidar com os variados tipos de opressões. “A epistemologia do ponto de vista é uma dimensão da teorização que reconhece a importância das relações de poder na produção do conhecimento” (Collins, 2022, p. 201).

Raquel Barreto (2018), faz uma discussão sobre os intérpretes do pensamento social brasileiro e destaca que o perfil de tais pensadores que comumente aparece nas ementas de disciplinas, são homens brancos. Ao trazer essa reflexão, a autora não questiona a legitimidade da produção intelectual desses autores, mas chama atenção para como essas práticas legitimam as produções de homens brancos e oculta e/ou desconsidera a produção intelectual de autoras/es negros.

É necessário compreendermos que o conhecimento é produzido a partir de um local social, as nossas filiações teóricas, escolhas epistemológicas, diz respeito ao que nos desperta para pesquisar. Segundo Collins:

Em contextos acadêmicos, a questão de quem pode contar a história da interseccionalidade reflete como o poder epistêmico está profundamente entrelaçado com a dominação política, e o exercício do poder epistêmico é uma forma de política. [...]. Como o poder epistêmico flui das configurações específicas da intersecção das relações de poder em qualquer contexto, tais estruturas de poder não predeterminam a dinâmica do trabalho intelectual. (Collins, 2022, p. 182).

É importante pensar na construção de uma sociedade que tenha como projeto a justiça social, entendendo a multiplicidade de vozes que podem contribuir para outros pilares sociais. É necessário refletirmos sobre os espaços de poder. Se temos uma sociedade diversa, por que quando olhamos para os espaços de poder essa diversidade não se manifesta? Isso nos leva a questionarmos a estrutura de poder vigente e entender que a falta da multiplicidade de vozes

nada mais é que o reflexo de uma sociedade balizada em construções racistas, sexistas, classistas e excludente.

O espaço acadêmico ainda reflete muito o poder do grupo hegemônico, que reproduz quem tem a legitimidade da fala, da escrita, da produção do conhecimento. Historicamente, não é questionado ao homem branco se aquele é seu espaço legítimo, pois comumente este grupo sempre esteve ali, sendo naturalizado seu lugar. Para mulheres negras, grupo historicamente subalternizado, não foi dado possibilidades para chegar ao ambiente acadêmico, por isso, se questiona a legitimidade do seu trabalho, em contrapartida, foi naturalizado o lugar da mulher negra no espaço do servir e neste espaço, não se causa nenhuma estranheza. Por isso, é urgente que a sociedade reflita e desenvolva ações para ir de encontro com o domínio hegemônico do poder que se manifesta na ideologia, na cultura e na consciência das pessoas.

O conceito de justiça social é um tema fundamental para o pensamento feminista negro, enquanto houver a dominação de um grupo pelo outro, não haverá justiça social de fato. O pensamento feminista negro existe, pois, as opressões interseccionais estão presentes na sociedade. Assim, pesquisas como esta que estamos apresentando são muito importantes para denunciar as violências sofridas por mulheres negras e para reparar a supressão da intelectualidade de mulheres negras. Para Hooks (2019), as mulheres negras através de suas experiências, desafiam a estrutura social e sua ideologia sexista, racista e classista.

Os conhecimentos legitimados na academia, determinam projetos, metodologias, pesquisas que são consideradas relevantes para a investigação. Isso perpassa também na legitimidade intelectual, quais corpos são lidos como pertencentes e este espaço de produção do conhecimento e que não são questionados? Certamente não será o do homem branco, porém as mulheres negras como corpos considerados no “não lugar” de produção do conhecimento, terão seus trabalhos questionados e quando não deslegitimados. Consequentemente intelectuais com privilégios tendem a se posicionar hierarquicamente em um patamar mais elevado de poder.

Considerações Finais

As discussões levantadas não se findam aqui, mas fazem parte de um projeto de pesquisa maior que busca responder outras indagações e que em outro momento apresentará dados sobre as experiências de professoras negras no ensino superior. Este texto apresentado, trata-se apenas de um recorte que foi o início da construção da pesquisa.

A análise apresentada se faz relevante, para teorizarmos sobre as experiências de trabalho de professoras negras do ensino superior, entendendo as nuances que estão presentes nas existências dessas professoras através das relações de racismo e sexismo que permeiam suas vivências no campo de trabalho. Nossos argumentos construídos até aqui não são definitivos e nem conclusivos. A pesquisa está em construção, através do aprofundamento teórico, das respostas do campo, das análises de dados em andamento, teremos arcabouço interpretativo para delinear melhor o que estamos propondo. Esperamos que o artigo contribua para trabalhos futuros sobre a temática.

Referências

- BARRETO, Raquel. Lélia Gonzalez, uma intérprete do Brasil. In. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Lélia Gonzalez. 1ed. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.
- BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre/RS: Zouk, 2020.
- COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Volume 31, Número 1, janeiro/abril 2016.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política do empoderamento**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Interseccionalidade**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria crítica social**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2022.
- HOOKS, Bel. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJE; PPCIS, v. 3 n.2, 1995.
- HOOKS, Bel. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MOREIRA, Núbia Regina. **A organização das feministas negras no Brasil**. 2 ed. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2018.
- SILVA, Joselina da; EUCLIDES, Maria Simone. Falando de gênero, raça e educação: trajetórias de professoras doutoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e do Rio de Janeiro (Brasil). **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 51-66, 2018.
- TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todos e todes**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

Autor 1:



Rívia de Jesus Santos

Graduada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba - UNIUBE (2012) e em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (2014); Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (2019) e doutoranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Católica – PUC/RJ.

Email: riviajsantos@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/588735234664811>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7870-1240>